

CAROLINA MICHAËLIS E A FILOLOGIA ROMÂNICA

W. Meyer-Lübke

No ano de 1876 foi publicado um pequeno livro: *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, por Carolina Michaëlis. Era uma surpresa no campo da investigação científica filológica. Jamais havia acontecido que, neste campo de trabalho ainda novo, uma mulher se tivesse anunciado como colaboradora, – nesse campo em que se exigia, dos que nele se propunham trabalhar, uma cultura científica que só os ginásios e as universidades podiam ministrar. Mas, nesse tempo, ainda as universidades alemãs se não tinham aberto à mulher, e menos ainda os ginásios; faltavam as escolas femininas correspondentes, e os liceus femininos mal começavam a desenvolver-se. Era, portanto, uma autodidata, a autora? O livro nada dizia a tal respeito, porque o *curriculum vitae*, indispensável em qualquer dissertação alemã, como apenso destinado a informar o leitor curioso sobre a carreira escolar e universitária do autor, faltava, por se não tratar de uma dissertação de doutoramento. A dedicatória: “Ao meu amigo e professor Carl Goldbeck” não adiantava muito. Com efeito, Goldbeck trabalhara no ramo da lingüística e etimologia do francês e, mais ainda, do inglês arcaico; era amigo de Maetzner, grande investigador das bases científicas da sintaxe e lingüística do francês primitivo; mas de nenhum deles se sabia que tivessem ampliado os seus estudos para além do francês, e a concepção que da ciência das palavras tinham era mais a do filólogo, – a quem importa a interpretação exata do significado de uma palavra, – que a do lingüísta, – a quem seduz o viver e o morrer das palavras. Assim, por este lado também, éramos levados a concluir que a autora devia a si mesma a maior parte do seu saber, hipótese esta que correspondia a um preconceito pouco favorável. De fato, com freqüência o caminho por que víamos enveredar autodidas dos mais talentosos, se antolhava errado e os conduzia a desvios, dos quais não conseguiam mais regressar ao bom campo, resultando inúteis esforços consideráveis; dignos de melhor sorte.

Tanto maior e mais agradável era a surpresa reservada a quem, deixando para trás título e dedicatória, penetrava no texto. Ali se não mostrava sombra de diletantismo: havia a ciência mais severa, perfeitamente à altura do seu

tempo; revelavam-se conhecimentos profundos, ciência baseada em saber, alheia a especulações mais ou menos espirituosas; e imperavam um critério seguro e uma opinião formada, como nem sempre se encontra num primeiro trabalho.

A introdução dizia que seriam objeto de estudo “a verificação da independência das línguas românicas, e a forma como se separaram do latim para seguirem seu rumo e enriquecerem seu vocabulário”. É exatamente na acentuação desta evolução independente das línguas românicas, que se encontra o principal atrativo daquele trabalho: o assunto está tratado com o raciocínio e, ao mesmo tempo, com o coração: não moveu a autora apenas o interesse científico, moveu-a o amor pelo assunto tratado, que tinha de ser reconhecido na sua importância e para o qual tinha de ser conquistada a posição que merecia em relação à ciência tradicional. Eram estes os motivos que ciente ou inconscientemente haviam levado a autora ao seu trabalho.

Ainda então a romanística era pouco apreciada, muito embora contivesse problemas de tanto interesse, como nenhuma das disciplinas congêneres tradicionais. E era isto precisamente o que a jovem sábia pretendia provar, ao mesmo tempo que provaria que uma mulher se poderia medir com o saber dos homens.

A pág. 9 lemos a afirmação, sobre a qual mais tarde o dinamarquês Jespersen baseou o seu célebre livro *Growth of language*: que as modificações de uma língua não são decadência, mas progresso: “No sentido geral pode dizer-se que cada modificação de uma língua é uma evolução progressiva”.

Justificadamente, e na sua modéstia, a autora acrescenta que já J. Grimm se exprimira nesse sentido, nos seguintes termos: “Conclui-se que a língua humana só aparentemente, e olhando a pormenores, retrograda; observada em conjunto, devemos considerá-la em progresso e aumento de sua potência”. São idéias darwinistas que nos surgem no desenvolvimento deste pensamento. A evolução das línguas é uma luta incessante e vitoriosa, na qual não faltam a morte e o aniquilamento, mas em que só desaparecem e soçobram elementos isolados, fracos e impróprios, que cedem o lugar aos mais fortes e adequados.

E veja-se a conclusão que, orgulhosamente, a romanista aplica ao seu campo de estudos especial: “As línguas derivadas estão numa fase de desenvolvimento superior à da língua mãe, ou, se assim o preferirmos dizer: são mais ricas do que esta (pág. 9)”.

A par de afirmações que, hoje, não podem ser consideradas subsistentes, a introdução contém valiosas contribuições sobre a formação das palavras; exemplos do espanhol e do português, para os quais a linguagem familiar e a evolução dos dialetos largamente contribuíram.

Os sufixos são analisados pelo seu valor estimativo; é acentuada a importância dos nomes próprios para a investigação gramatical. O objetivo desta coleção de exemplos, mostrar as razões que levaram às ampliações do vocabulário e a forma como elas se efetuaram; o mesmo, portanto, que descobrir as fontes de formação das línguas. Quem ler agora, meio século passado, essas palavras, encontrará nelas contidas muitas afirmações que atualmente são enunciadas como novos pontos de vista da ciência.

A maneira como é encarada a relação entre os dialetos e a linguagem clássica, não é exata, por ser aquela a que o habitante da grande cidade, desconhecendo a vida rural e o meio rústico, era naturalmente levada. E, todavia, é para notar a nítida compreensão da importância do estudo dos dialetos.

Os conhecimentos gerais sobre a evolução das palavras, próprios daquela época, são expressos por uma jovem erudita, com idéias próprias, proficientemente submetidas à sua crítica, com exemplos tirados de uma língua que, até ali, pouco havia sido utilizada para esse fim; e perspicazmente observados, com conclusões cuja síntese, por exemplo, para os elementos germânicos na língua espanhola, ainda está por explorar devidamente e como merecia.

Uma das origens mais fecundas do aumento dos vocabulários de todas as línguas românicas é o latim, à qual, como língua literária e curial, viva através de séculos, se ia buscar sempre de novo a matéria-prima para novas formas. De aí o haver palavras sob duas formas: uma arcaica, popular, outra posterior, mais próxima do latim. Assim o espanhol *horma* é antigo, *forma* é recente; aquela é a feição arcaica, esta é derivada, como o comprova o *h* da primeira palavra e o *f*, isto é, maior semelhança com o latim da segunda; como o comprova também o significado, que na palavra *horma* indica a sua localização nas camadas populares.

Naturalmente, estas verificações não eram novidade e, antes de Carolina Michaëlis, já o francês A. Brachet publicara um *Dictionnaire des doublets* e A. Coelho escrevera um pequeno trabalho, *Formes divergentes de mots portugais*. Mas a forma como Carolina Michaëlis continuou este estudo para o espanhol, juntando um material muitíssimo mais abundante que o dos seus predecessores, fazendo a crítica severa da coordenação de Brachet, e a própria coordenação por ela feita (à qual ajuntou, unicamente para mais fácil verificação, um índice alfabético), mostram que a autora havia estudado o francês tão bem como o espanhol.

Era natural que, num trabalho desta ordem, tivessem de ser examinadas de novo as origens de muitas palavras. Com efeito, encontramos aí grande número de etimologias novas ou modificadas, muitas das quais pormenorizadamente justificadas, outras só enunciadas ou esboçadas; e, assim, esses

Estudos constituíam uma base para a história do vocabulário espanhol, sobre a qual era preciso trabalhar doravante. Esse trabalho seria uma “Etimologia hispano-portuguesa em via de conclusão”, na qual viriam a ser justificadas e comprovadas as afirmações do primeiro trabalho e estudado todo o vocabulário das duas línguas, sob o aspecto das suas, origens. Semelhante plano não obteve realização. Freqüentes vezes a incansável trabalhadora se lhe refere; ainda ultimamente, na primavera de 1925, a ele se referiu, em conversa comigo; porém os anos vêm acentuar-se as dificuldades que à juventude escapam, ou que ela julga facilmente vencer. O desejo de produzir trabalho perfeito e completo e, ao mesmo tempo, a consciência de que toda a nossa obra é imperfeita e incompleta, – retêm a pena. E, deste modo, também aqui o melhor foi inimigo do bom.

Todavia, D. Carolina Michaëlis possuía todas as qualidades indispensáveis no etimólogo: o conhecimento exato das formas do vocabulário antigo, saber em que poucos a igualavam; finíssimo tato para as mutações de significação; perfeita compreensão das evoluções sônicas; conhecimento suficiente das outras línguas românicas, para poder analisar qualquer palavra da Península Ibérica, sob o ponto de vista geral e sem erro na escala das comparações.

De vez em quando, escolhendo de entre o seu riquíssimo cabedal, trazia à luz alguns dos seus tesouros: como em 1886, quando se tratou de perpetuar a memória dos dois sábios romanistas italianos, – N. Caix e V. Canello, tão prematuramente roubados à ciência, – numa coletânea de trabalhos eruditos; como, quase um decênio depois, com a publicação de 82 etimologias no 3.º vol. da *Revista Lusitana*; como em 1905 no volume publicado em honra do lingüista italiano G. J. Ascoli; em 1908, no 11.º vol. da *Revista Lusitana*; em 1910, na publicação dos *Tratados de Alveitaria e Cetraria* de Mestre Giraldo e, finalmente, no *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal*, publicado já depois da morte da autora; e em muitas publicações isoladas de que a sua bibliografia dá conta.

Muitos cultivam a arte da Etimologia; muitos dignos dela, muitos outros indignos; e a muitos se afigura simples e fácil. No entanto, julgo que, ciência das mais difíceis, como se depreende de as opiniões divergirem tão fundamentalmente em muitos casos; de fatos, estabelecidos como seguríssimos, caírem por terra, e de haver inúmeras palavras da nossa linguagem atual, cuja evolução está largamente documentada, cujas origens se nos afiguram existir com grande clareza, e cuja explicação, todavia, não conseguimos dar.

Examinando as obras de D. Carolina Michaëlis, é-nos dado afirmar que é notavelmente grande a parte que nelas se pode considerar como pecúlio fundamental e basilar para a ciência, e que o número de interpretações errôneas,

bem resumido em relação à vastidão do trabalho. Este resultado é devido às qualidades a que já me referi: à forma cuidadosíssima, e conscienciosa em extremo, com que trabalhava; à sua profunda ciência; à sua intuição etimológica, que quase espontaneamente lhe indicava a solução verdadeira. Sobre tudo, porém, à sua modéstia científica. D. Carolina não pretendia trilhar caminhos novos, e brilhar, ofuscar com hipóteses ousadas, de insuficientes fundamentos, cuja única utilidade está às vezes na controvérsia que provocam. Punha sob os olhos dos estudiosos, serenamente e sem o menor alarde, aquilo que, serenamente, no seu labor incessante, julgava ter encontrado, acrescentando-lhe a demonstração simples, mas sempre concludente, pela qual chegara ao resultado que apresentava.

É menos vasta a obra da grande romanista nos outros ramos da gramática histórica. Como não podia deixar de ser numa etimologista, possuía vastos conhecimentos da fonética, como o comprovam os seus estudos sobre a história da gramática portuguesa no *Kritischer Jahresbericht ueber die Fortschritte der romanischen Philologie*. É notável um trabalho seu sobre o infinitivo português fletido, pertencente a um capítulo que interessa por igual à sintaxe e às flexões, pela matéria nova que contém, muito embora Schuchardt não concordasse com as suas conclusões. E é interessantíssimo observar como, apesar de reconhecer e prestar homenagem ao alto saber e critério de Schuchardt, ela defende com nobilíssima elegância a sua opinião, buscando novos pontos de vista no seu conhecimento perfeito do uso da língua portuguesa viva, e mostrando estar perfeitamente integrada no sentimento e no espírito da linguagem popular.

Ao lado da investigação lingüístico-histórica, documentada principalmente pelos seus trabalhos filológicos, D. Carolina exerceu uma atividade igualmente intensa e desempenhou um papel do mesmo modo preponderante no campo propriamente filológico. Ambas essas suas atividades se equilibram de uma forma felicíssima. A sua obra filológica, extraordinária, vasta e diversa. Ela tratou com igual amor um Sá de Miranda, poeta do Renascimento; e os trovadores medievais, cujas obras os Cancioneiros trouxeram até nós. Ocupou-se com igual proficiência do popular Gil Vicente, como de um tratado de 1318, do físico de D. Dinis, Mestre Giraldo, sobre as doenças dos cavalos e falcões; interessou-a igualmente Camões, como o vasto romanceiro de hoje. Sempre buscou chegar à perfeita compreensão dos textos, integrar-se na época, na sociedade, nas condições de vida e do tempo em que cada obra tinha sido concebida, porque só assim entendia vir a poder compreendê-la, esclarecer as passagens obscuras, elucidar expressões, corrigir erros de transcrição. Encontramos acumulado um vastíssimo saber sobre os mais variados assuntos nas introduções às suas obras e nas respectivas anotações. É mister fazer a compilação e o inventário sistemático desta erudição, para que possa ter a máxima utilidade,

superior à que resulta do estudo ocasional no momento da leitura do texto a que se refere. O glossário do *Cancioneiro da Ajuda*, reproduzido na *Revista Lusitana*, em 1920, é indispensável a todo aquele que queira estudar textos arcaicos portugueses: é mina de riquezas para a morfologia e para a sintaxe.

Não nos deixou D. Carolina a etimologia geral, mas legou-nos como jóia do maior valor e do mais alto quilate a *História da literatura portuguesa antiga*. Como muitas vezes sucede, devemos a uma causa incidental, a um compromisso contraído com G. Groeber, essa obra, com a qual colaborou na publicação de larga envergadura desse editor, o *Grundriss der romanischen Philologie*. Nesse estudo D. Carolina concentrou, num trabalho de vasto saber, os resultados dos seus escritos esparsos e de um estudo minucioso dos problemas de que ainda se não ocupara, reunindo de tal modo os conhecimentos gerais do nosso tempo sobre a época da literatura portuguesa arcaica, com o seu saber acerca desta, que podemos considerar semelhante obra como o coroamento dos seus trabalhos sobre a história da literatura. Coroamento este que não foi, no entanto, um fecho dos seus trabalhos sobre tal matéria, mas antes o ponto de partida de futuros estudos, visto que a forma resumida e sucinta, com que aí teve de tratar o assunto, sugeriu à infatigável erudita o estudo de novos problemas, aos quais desde logo se dedicou. A sua bibliografia mostra que o ano de 1896, em que foi publicada a *História da literatura*, não fechou de modo algum este ciclo dos seus trabalhos. O processo felicíssimo de combinar os labores de investigação singulares com a síntese geral, – do qual unicamente pode resultar um conjunto de valor duradouro e fecundo, – foi aplicado pela autora com o mais brilhante resultado à exposição por ela feita, referente aos primeiros períodos da história da literatura portuguesa. Valoriza singularmente os seus estudos sobre esta matéria a ausência de divagações retóricas, cuja leitura pode agradar de momento, cuja utilidade, porém, é nula. O seu fim, apresentar ao leitor, com a maior objetividade possível e sem devanear, tudo o que possa servir para a compreensão da obra em si e em relação ao tempo da respectiva criação, para que, adquiridos esses conhecimentos, o estudioso lance mão da obra e se deixe suggestionar por ela, ao sabor do próprio temperamento, do próprio espírito e coração.

O artigo sobre a *História da literatura* tem 167 páginas e termina com Bernardim Ribeiro. A continuação, que começa com Sá de Miranda e se prolonga até João de Deus, foi feita por Teófilo Braga em 84 páginas. Justifica-se a desproporção do tamanho de ambas as partes, pela existência de obras de pormenor e conjunto que abrangem a segunda época, muito embora a sua qualidade nem sempre justifique um juízo benévolo. Para os primeiros séculos da literatura portuguesa, o trabalho tinha de ser feito inteiramente novo em todas as suas partes.

Segundo a tendência geral da época, os estudos de D. Carolina foram concentrar-se principalmente no período literário da Idade-Média. Todavia, um simples golpe de vista sobre a sua edição de Sá de Miranda e sobre os seus trabalhos acerca de Camões, mostram com que amor se dedicou ao estudo das épocas posteriores.

Os seus primeiros trabalhos etimológicos são dedicados principalmente ao espanhol. Só ocasionalmente se ocupa do português, e quase só onde os estudos espanhóis a isso a conduzem. A sua vinda para o Porto despertou, como era natural, maior interesse pelo português, de tal sorte que os papéis se inverteram e, desde então, o espanhol só por ela é tratado quando o seu estudo é destinado a auxiliar a investigação de qualquer problema português.

Sob o aspecto do interesse geral do estudo da Ciência Romanística, devemos considerar essa evolução como uma circunstância feliz; que ela o foi, eminentemente, sob o ponto de vista português, não precisa ser aqui acrescentado. Os livros portugueses dificilmente transpõem a barreira dos Pirenéus, mais dificilmente ainda do que os espanhóis. Foi acaso que o fundador da filologia românica, Frederico Diez, tivesse podido publicar um livro sobre os trovadores portugueses, e é uma exceção que o *Cancioneiro de Resende* haja encontrado editor germânico. Os trabalhos de D. Carolina dificilmente poderiam ter sido publicados fora de Portugal. Assim, a sua obra não só contribuiu para que se fizesse luz sobre a história da língua e literatura portuguesas, como também fez com que, fora de Portugal, se tornasse possível atribuir-lhes o lugar que merecem na vida das línguas românicas em geral.

O trabalho espiritual une os povos e enobrece as relações que o universal comércio cria. Por ele os povos conhecem-se e aprendem a compreender-se e a aquilatar-se pelo justo valor. Por ele os povos são conduzidos a esse ideal da *Civitas*, do qual a Grande Guerra, ainda não terminada, nos afastou tão desmedidamente. Figuras como a desta filha da Alemanha do Norte, que veio encontrar no extremo ocidental e sul do nosso Continente uma segunda Pátria, simbolizam no seu trabalho intelectual esse Ideal a que aspiramos.
